

# A INVENÇÃO DE SI COMO A ARTE DO (RE)ENCONTRO

Maria Auberlane do Nascimento Lima<sup>1/</sup> Autora/ UEPB  
Taynnã Valentim Rodrigues<sup>2/</sup> Coautora/ UEPB

Este trabalho é resultado de uma inquietação pessoal, despertada durante o período do estágio que nos levou a refletir sobre nossas escolhas referentes à professoralidade. Tem como principal objetivo mostrar a importância da (auto)formação dentro da docência, visto que identificamos que muitos professores no decorrer da carreira, devido a fatores como a rotina, frustrações e falta de incentivo acabam perdendo suas referências pessoais como também os motivos que os levaram a estarem em sala de aula. Buscamos trazer enquanto solução a (re)invenção de si partindo da metodologia da Ego-história como caminho para o (re)encontro com a professoralidade. Este trabalho se fundamenta em textos teóricos presentes na obra *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si* organizado por Elizeu Clementino de Souza e Maria Helena Barreto Abrahão.

**PALAVRAS-CHAVE:** (Auto)formação; Ego-história; Professoralidade.

**Abstract:** This work is the result of a caring staff, awakened during the internship that led us to reflect on our choices regarding professoralidade. Its main objective is to show the importance of (self) education in teaching, since we found that many teachers in the course of his career due to factors like the routine, frustrations and lack of encouragement they lose their personal references as well as the reasons that led being in the classroom. We seek to bring as a solution to (re) inventing itself based on the methodology of Ego-story as a way to (re) encounter with professoralidade. This work is based on theoretical texts present in the work times, narratives and fictions: the invention of self organized by Elisha Clementino de Souza and Maria Helena Barreto Abraham.

**KEYWORDS:** (Auto) training; Ego-history; Professoralidade.

---

<sup>1</sup>Email: belalima15@hotmail.com.

<sup>2</sup>Email: taynnarodrigues@bol.com.br.

## A INVENÇÃO DE SI COMO A ARTE DO (RE)ENCONTRO

Para produzir este artigo partimos de experiências proporcionadas pelo estágio supervisionado ministrado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira localizado na cidade Campina grande/ Paraíba no ano de 2012. Na oportunidade podemos perceber o desencanto de vários professores para com a docência, isso através de depoimentos desmotivadores marcados por desencontros e insatisfação. Ser professor, para muitos daqueles docentes na referida escola foi uma opção permeada por paixão. No entanto, com o passar do tempo, esses mesmos docentes não encontram mais o encantamento que os levou a estar onde estão. A pergunta que nos fica é: em que momento, onde e porque essa paixão se perdeu? É justamente resposta para isso que iremos buscar em nosso trabalho.

Metodologicamente nosso artigo está ligado à Ego-história que é um conceito historiográfico ainda pouco conhecido que teve como sua publicação pioneira *Ensaio de Ego-história* organizado por Pierre Nora (1987). Referente ao que seria Ego-história Nora trás o seguinte:

Nem autobiografia falsamente literária, nem confissões inutilmente íntimas, nem profissão de fé abstracta, nem tentativas de psicanálise selvagem. O exercício consiste em esclarecer a sua própria história como se fizesse a história de um outro, em tentar aplicar a si próprio, cada um no seu estilo e com métodos que lhe são caros, o olhar frio, englobante, explicativo que tantas vezes se aplicou sobre outro. De explicitar, como historiador, o elo entre a história que se fez e a história que vos fez (*sic*) (NORA, et al, 1987, p. 11).

A Ego-história consiste na ideia de colocar o sujeito ao mesmo tempo autor e ator de sua história (a história que fez/faz dentro de uma só escrita), como se estivesse a olhar-se em um espelho, tomando consciência de sua trajetória com suas paixões, alegrias, medos, tristezas, conquistas, decepções, amores e ódio. Construir uma Ego-história não é tarefa fácil, visto que a dinâmica dessa metodologia é falar de si como se estivesse a falar de um outro, o que pediria por uma objetividade. Em relação às dificuldades encontradas na construção da Ego-história, Pierre Nora (1987, p.360) afirma, “[...] a do silêncio sobre si e o sentimento de não poderem aplicar e eles próprios os métodos que estão a habituados a aplicar aos outros”.

A metodologia da Ego-história está presente na auto-biografia que trabalha sobretudo com a memória, a preocupação com a memória está presente desde as sociedades mais antigas, a metodologia para se trabalhar esta é que passou por modificações. De modo que na primeira metade do século XX a memória era trabalhada a partir de uma abordagem quantitativa, já na segunda metade do mesmo século se passou a trabalhar qualitativamente. A pesquisa voltada para história de vida nasceu no início do século XX no campo da sociologia, e trabalhar com memória de pessoas vivas é trabalhar com uma história do presente que por muito tempo foi dever do jornalista e sociólogo, mas agora também é tarefa do historiador.

A metodologia das histórias de vida ultrapassa os limites de sua utilização apenas na pesquisa, ganhando espaço também no campo da educação. Hoje essa metodologia está associada a diversos meios profissionais. As confissões de Rousseau, publicadas 1782, foram as precursoras do que temos hoje por auto-biografia. A revolução autobiográfica foi desenvolvida mais fortemente no período pós-moderno, que possibilitou a criação de novos espaços de expressão onde os sujeitos passaram a serem atores e roteiristas de suas próprias histórias, sendo possível ainda a recriação da mesma sempre que for relido o roteiro que é justamente a dinâmica da Ego-história.

Construir nossa autobiografia apresenta entraves na medida em que algumas vezes temos medo de olhar para o nosso íntimo devido ao temor do que iremos encontrar ou até mesmo não conseguimos mais olhar para esse íntimo. Para Foucault: “O desafio era saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode libertar o pensamento do que ele pensa silenciosamente e lhe permitir pensar de outra forma” (PINEAU, 2006 apud FOUCAULT, 1984). Foucault evidencia que pensar sua história de vida é encontrar novas formas de pensar o já pensado, trabalho esse denominado pelo mesmo de exercício filosófico.

Ao narrar-se, o sujeito discorre sobre fatos que se deram no decorrer de sua existência tais como pertencimentos, escolhas, desafios, ganhos e perdas; o que irá possibilitar a percepção da influência desses fatos na sua vida presente. Assim surge a importância da autobiografia de modo que, “Não é inútil repetir aqui que o trabalho biográfico não é um remoer do passado, mas uma reconfiguração do presente e do futuro graças a esse olhar retrospectivo”. (JOSSO, 2006, p.11). Quando o sujeito narra a si, ele se (re)descobre como também se (re)encontra, talvez seja isso que esteja faltando a muitos dos docentes que se mostram desesperançados com sua profissão.

Como foi posto no início alguns dos professores presentes na instituição onde efetivamos o estágio se mostraram desanimados com o seu ofício, isso nos despertou o interesse por buscar o porquê de tal desânimo e uma provável solução para isso. Chegamos à conclusão de que esses professores de certa forma haviam perdido o ponto norteador que os teria levado a estarem onde se encontram de modo que não sabiam mais o porque estar ali e também não tinham a coragem de buscar outra saída o que os deixavam extremamente frustrados. Vários são os males causados por um profissional frustrado e ainda mais se tratando de uma profissão humanística que é a do professor, este é responsável por formar pessoas, são referências logo o docente deve estar sadio não só fisicamente, mas sobretudo emocionalmente.

Como saída para esse problema avistamos a cultura da atenção, conceito trabalhado por Denice Barbara Catine em seu texto *A autobiografia como saber e a educação como invenção de si*. Em relação à cultura da atenção Catine afirma:

Penso que uma boa educação de professores teria como principal marca uma cultura da atenção entendida esta como geradora da capacidade de situar-se nas realidades sócias, referir-se as realidades científicas e intelectuais, ancorar-se nas realidades artística com a finalidade central de aperfeiçoar-se de ponto de vista humano. (CATINE, 2006, P.81)

A autora deseja evidenciar que para o professor ter um desenvolvimento em sua atividade docente se faz necessário atenção por parte também da instituição de ensino. Cobra-se do professor qualificação e capacitação, no entanto o sistema educacional não lhe proporciona isso levando ao desânimo. A cultura da atenção vem justamente tratar essa ausência de apoio aos docentes, afinal não há como o professor possibilitar uma formação que ele mesmo não está tendo.

Se deverá ensinar como se fabrica, com que materiais, quem vai manejá-los melhor e como superar as próprias desvantagens sociais. Se a educação de professores não for assim, como esperar que a educação de todos seja uma hipótese de invenção de si? (CATINE, 2006, P.84)

O professor deve buscar um reinventar de suas práticas analisando o seu saber, fazer em um exercício conjunto com a instituição o que seria a cultura da atenção; entretanto o docente necessita também de estímulo pessoal e é justamente este que se mostra ausente nos professores, porém a solução para isso encontra-se dentro de si mesmo através do exercício de se auto narrar, o que possibilitará sentidos para sua trajetória e existência enquanto educador.

Os sentidos de sua trajetória intelectual; os significados de suas escolhas pessoais e profissionais; a razão das escolhas de determinados objetos de investigação aos quais tem dedicado parte de suas vidas; aos caminhos que os levaram a ser professores e professoras; seu pertencimento de gênero e de lugar social. (SOUSA, C.P. 2006, P.260).

Muitas pessoas no decorrer de sua vida devido à rotina regada pela mesmice perdem suas referências, ideologias e escolhas. Em relação a isso a autora Cynthia Pereira de Sousa(2006) trás a autobiografia enquanto resolução assim como ela afirma na citação anterior, ao se auto narrar você (re)encontra sentidos para sua trajetória, ao escrever minha história procuro refazer e compreender minha existência. Segundo a autora esses são questionamentos que todos devem se fazer ao longo de suas vidas.

Assim como muitos professores não encontravam mais sentido no exercício de sua profissão talvez fosse pelo fato destes terem perdido os seus ideais e metas ao longo do caminho, de modo a não conseguirem mais se reconhecer. A importância de conhecer a si mesmo está presente desde a antiguidade clássica quando Sócrates perguntava a seus discípulos *conhece-te a ti mesmo?* Frase também presente no portal de delfos. É preciso se conhecer para saber o que quero, para onde vou, quem sou e ainda saber se o que faço hoje me satisfaz e corresponde aos meus ideais.

Somos seres inconstantes em movimento assim como trás Elza Lechner (2006) “As narrativas autobiográficas são espaços privilegiados de construção identitária de sujeitos que se auto-percepcionam em devir.” (P.171) A grafia de si proporciona um novo nascimento ou até um (re)encontro com o que havia se perdido dentro de nós. Ao me narrar, além de encontrar novos personagens, também posso encontrar aquela personalidade que talvez tenha se perdido devido ao tempo e situações vividas.

O exercício autobiográfico pede por um esforço deliberado da memória o que não se mostra fácil, pois a memória padece de artifício e mecanismos de defesa, entre eles o esquecimento voluntário ou involuntário e ainda o fato de olhar o passado com os óculos do hoje, assim como afirma Ecléa Bosi (1994) “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir, com imagens e idéias do hoje as experiências do passado.” (P55)

Além da questão de perder-se enquanto profissional, existe o fato de que muitos professores não se sentem felizes na área, entretanto não abandonam o ofício devido a questões como, idade e dedicação acadêmica medo do novo que lhe fada ao fracasso os leva a frustração pessoal e acaba por contaminar os demais sejam seus alunos ou colegas de trabalho. Essas frustrações podem ser diagnosticadas como síndrome de Brunout que afeta mais de 15% dos docentes.

A síndrome de Brunout apresenta como principais sintomas exaustão emocional, baixa realização profissional, sensação de perda de energia, de fracasso profissional e de esgotamento. A doença acomete profissionais de várias áreas, mas seu diagnóstico é mais freqüente em profissões com altas demandas emocionais e que exigem interações intensas, como é o caso, por exemplo, dos professores e dos profissionais de saúde. Burnout é um estado de sofrimento que acomete o trabalhador quando este sente que já não consegue fazer frente aos estressores presentes no seu cotidiano de trabalho.

Diferentemente do estresse, que se caracteriza pela luta do organismo no sentido de recobrar o equilíbrio físico e mental, a síndrome de Burnout compreende a desistência dessa luta. Por isso se diz que é a síndrome da desistência simbólica, pois embora não se ausente fisicamente do seu trabalho, o profissional não consegue se envolver emocionalmente com o que faz.

Brunout pode ser agravada, por exemplo, por políticas educacionais que aumentem a sobrecarga de trabalho sem a devida contrapartida, ou por condições inadequadas de trabalho, ou pela presença de alunos particularmente difíceis (alunos violentos, com grande déficit de aprendizagem) ou ainda pelo sentimento de injustiça, de não reconhecimento do seu esforço e da importância do seu papel na sociedade.

Em relação às medidas preventivas e tratamento para Brunout seria em tese, qualquer movimento no sentido de reduzir a vulnerabilidade do professor aos estressores do seu cotidiano, particularmente aqueles relacionados com as demandas emocionais, seria uma medida preventiva no sentido de minimizar as possibilidades de o indivíduo vir a desenvolver Burnout. Dessa forma, aplicam-se à prevenção de

Burnout, todas as estratégias voltadas para ajudar o indivíduo a lidar com o estresse. Por isso, o apoio dos pares e da direção da organização é tão importante. A direção da escola tem papel fundamental no sentido de minimizar problemas estruturais como, por exemplo, condições de trabalho inadequadas. Com relação aos colegas, a troca de vivências e de problemas comuns favorece a reorganização cognitiva no sentido de o trabalhador rever suas expectativas e encontrar formas possíveis de lidar com suas frustrações, e ideais inalcançáveis e ainda um bom acompanhamento psicológico.

Por iniciativa própria ou por sugestão da instituição onde trabalham, é interessante fazer reuniões periódicas (grupos de reflexão) em que se discutam suas angústias, suas limitações, que busquem alternativas possíveis para os problemas e se preparem psicologicamente para se alegrar com o sucesso (mesmo que em pequena proporção) como forma de fazer frente ao insucesso freqüente.

Segundo Paulo Freire educar não é transferir conhecimento, mas sim proporcionar caminhos para desenvolvê-lo e transferir sim emoção, pois o conhecimento é sensibilidade. O professor só está aberto a isso quando existe o autoconhecimento o que dá sentido a sua existência marcando sua ação enquanto docente por harmonia com os alunos e consigo mesmo, a primeira descoberta deve ser a de seu íntimo, pois esta irá guiar as demais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATANI, Denice Barbara. “A Autobiografia como Saber e a Educação como Invenção de Si”. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. E ABRANHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: A invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs e Eduneb. 2006. (p. 77-87)

CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre [et al.] **Ensaio de Ego-História**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Edições 70, s.d.

JOSSO, Marie-Christine. “Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: Destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si”. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. E ABRANHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: A invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs e Eduneb. 2006. (p. 21-41).

LECHNER, Elsa. “Narrativas Autobiográficas e Transformações de si: Devir Identitário em Acção.” In: SOUZA, Elizeu Clementino de. E ABRANHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: A invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs e Eduneb. 2006. (p. 171-182).

PINEAU, Gaston. “As Histórias de Vida como Artes Formadoras da Existência”. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. E ABRANHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: A invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs e Eduneb. 2006. (p. 41-59).

SOUZA, Cynthia Pereira de. “Narrativas Autobiográficas em Perspectiva Comparada: História de Formação de Professores Universitários. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. E ABRANHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: A invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs e Eduneb. 2006.

\_\_\_\_\_. **Estresse e Burnout em Professores**. Disponível em [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identicidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IN\\_D\\_3/SESSAO\\_L\\_FORUM\\_Pg\\_75\\_83.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identicidades/revistas/ARQ_FORUM_IN_D_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_75_83.pdf). Acesso em 09 de abril de 2013.